

## SOLENIIDADES COMEMORATIVAS DO IV CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO DO RIO AMAZONAS

Na maioria dos países sulamericanos a data de 12 de Fevereiro do ano em curso, que assinalou a passagem do quarto centenário do descobrimento do rio Amazonas, foi condignamente comemorada.

No Brasil, em vários Estados, principalmente naqueles que se situam na região amazônica, as solenidades efetuadas revestiram-se de excepcional brilhantismo.

Coube ao Instituto de Geografia Militar do Brasil a iniciativa de, no Distrito Federal, comemorar a expressiva efeméride com a realização de uma importante reunião, efetuada naquele dia, da qual foi orador oficial o Cel. FRANCISCO JAGUARIBE DE MATOS, que produziu uma magnífica conferência onde abordou a História do grande rio.

**Monumento ao rio Amazonas** Após realizar sua substancial conferência o Cel. JAGUARIBE DE MATOS levantou a idéia da construção de um grande e imponente monumento ao rio Amazonas. A proposta foi entusiasticamente acolhida pelos membros daquele sodalício sendo, posteriormente, apoiada por outras entidades culturais.

Propôs ainda o Cel. JAGUARIBE que a pedra fundamental do monumento seja colocada por ocasião da reunião do X Congresso Brasileiro de Geografia a efetuar-se, em Setembro de 1943, na capital do Pará.

O idealizador do monumento amazônico, em declarações que prestou à imprensa desta capital, teve oportunidade de assim se manifestar sobre o assunto:

"O monumento simbolizaria, em forma estética e condigna, a opulência majestática do rio, sua contingência excepcional no mundo e glorificaria os homens notáveis, brasileiros e estrangeiros, que, estudando-o, legaram-nos os frutos do seu talento e esforço, em páginas da ciência, nas expansões de arte ou no labor econômico para aumento da messe material necessária ao conforto humano.

O rio é uma das maravilhas naturais do mundo. Se o considerarmos logicamente prolongado pelo Ucaiale até o módulo de Vilcanota, compete em extensão com o Mississipi-Missuri. Contém o maior volume d'água, e é a maior bacia potamográfica, banhando, com seus tentáculos, 6 países diferentes: Venezuela, Colômbia, Equador, Perú, Bolívia e Brasil.

Geologicamente é o maior construtor do Continente Sulamericano. Existia antes do aparecimento dos Andes, colaborando com os maciços arqueanos do Brasil e da Guiana, para a formação das imensas planícies, muitas vezes alteradas no decorrer de milênios.

Sociologicamente, o Amazonas é verdadeira revelação para o Brasil e revelação em amplo sentido: os brasileiros colaboraram de maneira sensível para o desenvolvimento dos conhecimentos sobre o rio, desde sua descoberta, para a interpretação científica da respectiva região e para sua evidencição econômica. Basta lembrar a penetração nordestina, à semelhança do ciclo bandeirante que tornou famosos os paulistas, no centro e sul do país.

Além disso, o Amazonas atraiu vultos da mais alta hierarquia científica alienígena, trazendo-nos ricas páginas nas conquistas brilhantes dos anais da ciência da natureza.

Disso são testemunhas a *Flora Brasiliensis* de MARTIUS, os trabalhos de POHL, de NATTERS DE BATTES, de WALLACE, etc.

**A geografia amazônica** Nos domínios da geologia, temos o capitão de engenharia João MARTINS DA SILVA COUTINHO que serviu de cicerone ao grande AGASSIZ, depois de haver explorado o Madeira, o Purús e outras regiões da bacia Amazônica. Foi apoiado em SILVA COUTINHO que AGASSIZ lançou as primeiras idéias gerais da geognosia amazônica. HARTT refundiu e completou esse trabalho, porém, ORVILLE DERBY, seu discípulo, formulou e deu vigor às páginas descritivas dessa gigantesca evolução. Esse trabalho foi modernamente completado e ampliado pelo saudoso EUSÉBIO DE OLIVEIRA, discípulo de DERBY. Eis aí uma cadeia ininterrupta desde 1862 até nossos dias.

Em 1538, Diogo NUNES esteve nas terras de Mao-hifaro e viu o rio Amazonas antes de ORELLANA; ignora-se, no entanto, se nasceu no Brasil ou em Portugal.

ORELLANA foi o primeiro a descer a corrente do rio, vindo pelo Coca, pelo Napó, entrando no Amazonas a 12 de Fevereiro de 1542, e saindo barra a fora em 24 de Agosto do mesmo ano.

**A bandeira de Pedro Teixeira** No século XVII destacaremos a destemida bandeira chefiada por PEDRO TEIXEIRA, mais tarde capitão general do Pará.

Pelo combate que deu aos estrangeiros que se haviam instalado e fortificado no Amazonas, pela dilatação dos limites entre as terras de Portugal e de Espanha nessa região, pelo exemplo de tenacidade e disciplina, a bandeira de PEDRO TEIXEIRA deve ser inscrita entre as mais notáveis arremetidas do tempo colonial.

A *Viagem Filosófica*, empreendida pelo notável baiano ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA, é o documento de grandes proporções do século XVIII.

Tôdas essas magnitudes são dignas de uma expressão de perpetuidade para que os vindouros as possam examinar.

**A idéia do monumento** Quanto ao local, parece que seria bem indicado o Cabo de Maguari, onde já existe um farol. Disse que o monumento deveria acenar aos céus, ao mar, ao rio e à terra. Por isso será mister uma posição na extrema da foz do rio. Defendo a tese de ser o Tocantins um afluente do Amazonas e ter sido a foz do mesmo muito mais a leste da Ilha de Marajó, portanto, outrora inteiramente fluvial. Se o canal ao N. de Marajó é mais caracteristicamente a foz do rio, tendo por ali passado ORELLANA na sua viagem de descoberta, descendo o rio, o canal ao sul de Marajó, chamado Baía de Guajará ou Baía do Pará, é socialmente o mais importante, passando por ali também as águas do Amazonas. Ali o monumento seria visto pela maioria dos navegadores que demandam o rio, uma vez que se poderia associar a função de farol ao caráter cívico e artístico do monumento.

Imagino um grande monumento, construído em pedra, cujas faces comporem grandes painéis e estátuas. Estando situado na foz do Amazonas e, particularmente, na ilha de Marajó, é natural que se pense na rica cerâmica ali existente, da qual o Pacoval tem sido reservatório preciosíssimo. Poder-se-ia, portanto, associar a idéia de um museu de cerâmica e outras preciosidades amazônicas no interior do monumento. Ai também placas de bronze recordariam os textos governamentais ou decisivos para a história evolutiva do Amazonas, como por exemplo, os atos do Marquês de Pombal relativos à organização da Companhia das Índias Ocidentais, a abertura dos portos amazônicos ao comércio de tôdas as nações, a constituição da Cia. de Navegação por EVANGELISTA DE SOUSA depois Barão e Visconde de Mauá e outros atos contemporâneos de benemerência que a História saberá em sua integridade revelar aos vindouros."

Na capital do Estado do Amazonas as comemorações realizadas decorreram, particularmente, de modo condignamente festivo, sendo realizadas por iniciativa oficial, com o apoio das entidades de cultura locais. A parte inicial do programa constou de uma missa campal celebrada na praça do Congresso, seguindo-se um grande desfile composto de forças do Exército, da Polícia e de alunos das escolas superiores e dos colégios.

A noite teve lugar uma sessão solene promovida pelo Instituto Histórico e Geográfico do Amazonas, com a presença do representante do Interventor Federal, Bispo Diocesano, autoridades federais e estaduais e elementos de relêvo nos meios sociais e culturais de Manaus.

Foi orador oficial dessa solenidade o Sr. VIVALDO LIMA que produziu o seguinte discurso:

**O motivo da comemoração** Estamos aqui reunidos no Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas para comemorar um acontecimento de grande relêvo, tal como pode ser considerada essa primeira viagem de exploração de oeste para leste, feita no sentido da corrente fluvial, pela qual se tornou conhecida a navegabilidade do grande rio que é o eixo do maior sistema hidrográfico do globo terrestre.

É natural que êsse acontecimento nos deva interessar, porque o nosso Estado do Amazonas ocupa atualmente uma superfície representada por mais de uma quarta parte do conjunto da bacia fluvial, cujo interior era até então desconhecido pelo imperialismo conquistador e colonizador dos povos ibéricos, então em pleno expansionismo territorial e da fé católica.

São passados quatrocentos anos dêsse episódio memorável, e o largo espaço de tempo decorrido não deve servir de razão para se olvidar a figura primacial do feito, que é preciso focalizar com a serenidade de um julgamento imparcial, despido dos ódios e rancores dos adversários e maldizentes, porquanto a verda-

deira história tem a obrigação de fazer as suas investigações desprezando os conceitos tendenciosos, para apurar não somente a verdade, como os proveitos que puderem advir de todos os acontecimentos para a marcha da civilização ou mesmo para o bem estar da humanidade.

**O individualismo, as fontes históricas e a deformação dos fatos pela influência das lendas**

Dar-se no dia de hoje um grande relêvo ao nome de D. FRANCISCO DE ORELLANA, é natural, porque "o indivíduo é o agente histórico por excelência" e "não há nada na história sem a ação individual", e para CARLYLE "a história é a biografia dos grandes homens".

Contrariam esta assertiva os metafísicos a HEGEL, os organicistas e os objectivistas, dando ao acontecimento um relêvo maior que ao indivíduo, uma vez que adotam o princípio de que "o indivíduo é o produto do meio". A consciência individual não representa nenhum papel histórico e decisivo. "É o meio social que pensa e que cria por êle". (Distinguindo-se a sociologia objectiva sobretudo pelo seu caráter abstrato e vago e, por isso, pouco científico, não adoto sua exclusividade nas minhas considerações).

Para muitos deve-se admitir uma concomitância do ponto de vista subjectivo e objectivo, apresentando isto um defeito capital de ser uma solução muito geral e, em consequência, muito abstrata, posto que de importância metodológica. Por isso as ocorrências circunstanciais da viagem, hoje comemorada, também deverão ser por mim tratadas com grande desenvolvimento.

Justifico, porém, a importância da figura principal da viagem, por que os estudiosos da filosofia da história sabem que "o indivíduo aparece no processo histórico como um fator conciente, ativo, enquanto que o meio natural, social e econômico, se distingue necessariamente pelo seu caráter de passividade". "Os resultados históricos da ação individual que apresentam o conjunto das influências dos indivíduos só se torna um agente ativo e positivo da história no caso que sua ação se manifesta no mesmo sentido que a de um número suficiente de outros indivíduos e forças sociais, em outros termos, a ação individual só tem eficácia histórica com a condição de corresponder à tendência fundamental das forças históricas reunidas". "Deve-se considerar como problema legítimo da filosofia da história o de determinar se o processo histórico, tomado na sua totalidade, corresponde ou não ao ideal subjectivo do indivíduo aspirando à felicidade material, intelectual e moral". "A força evolutiva do fator intelectual está em estado de progressão contínua. Com o progresso intelectual, o papel histórico do indivíduo aumenta proporcionalmente". "O problema do indivíduo muda de caráter segundo se considere indivíduo excepcionalmente dotado ou favorecido por circunstâncias excepcionais, o indivíduo-herói, ou o indivíduo médio, o átomo social, ou indivíduo conciente colocado em face do mundo objectivo, privado de consciência".

Pelo exposto, o problema do indivíduo não admite uma solução simples e uniforme. "No entanto, afirmando a solidariedade do indivíduo com as forças acumuladas do passado e do presente, temos o direito de concluir que o indivíduo, o único agente ativo e conciente da história, é uma força evolutiva de primeira ordem. Graças à sua superioridade intelectual e moral e à cooperação social estendendo-se cada vez mais, seu papel histórico aumenta. O progresso social não mata o indivíduo. É o indivíduo, fortalecido pelas conquistas numerosas das gerações passadas e de seus contemporâneos, que se encontra na direção do progresso social".

É êste individualismo que admito, que me faz classificar D. FRANCISCO DE ORELLANA no grupo dos indivíduos-heróis como o executor da primeira viagem através do rio a que primeiramente dera o seu nome, para depois batizá-lo com a posposta denominação de "Rio das Amazonas".

A história deve ser antes de tudo a expressão de uma realidade, porém geralmente ela sofre alterações, sofisticacões ou deformações, tanto nas fontes idéo-dinâmicas como nas idéo-estáticas, devido à influência psicológica dos cronistas, de modo a não se poder apurar uma verdadeira realidade muitos séculos depois. Em todo o caso, o testemunho pessoal dos que assistiram os acontecimentos e os escreveram com um caráter de imparcialidade, ainda são as mais puras fontes que se pode conseguir.

FUSTEL DE COULANGES resumiu as regras que se devem seguir no exame e estudo das fontes, nas quatro principais seguintes: "1.º É preciso ler os textos com atenção e sem idéias preconcebidas. 2.º É indispensável lê-los em si mesmos, no sentido literal e próprio. 3.º Não se deve procurar neles sentido alegó-

rico. 4.º Deve-se crer neles; a presunção é que exprimem a verdade, mesmo quando pareçam inverossímeis, até prova em contrário”.

SEIGNOBOS e LANGLOIS seguem doutrina oposta. Segundo êles, “deve-se desconfiar sempre do que diz um escritor, porque não se sabe se êle diz a verdade ou não”. Assim, contrariamente ao que ensina FUSTEL DE COULANGES a mentira passa a constituir a presunção legal.

Segundo êste último, “deve-se aceitar a narração de um documento, constituindo fonte histórica, desde que não se conheçam provas em contrário”. Segundo os dois primeiros, “êsse documento deverá ser rejeitado, mesmo que nada haja em contrário a êle, desde que não se tenha elementos para confirmá-lo. Êste último critério é aliás arbitrário, é uma porta aberta a tôdas as fantasias, bem como é a chave do sistema de conjecturas de que tanto se tem usado e abusado.

Dentre os principais cronistas da viagem de ORELLANA, dois divergem fundamentalmente quanto ao valor do explorador ibérico: Frei GASPAR DE CARVAJAL e LÓPEZ DE GÓMARA. CARVAJAL, porém, deve ser tido em melhor conta, por ter tomado parte na expedição, e ser um testemunho pessoal, o que aliás é uma das fontes mais puras da história. GÓMARA parece muito influenciado pelo rancor político, o que lhe tira em parte a autoridade para traduzir a expressão pura da verdade. De todos os cronistas, porém, o que mais parece ter descrito a viagem, com tendência maior para a imparcialidade, foi JOSÉ TORRIBIO MEDIDA, e por isso deve ser aceito o seu trabalho como a melhor fonte da história da viagem, porque, além de publicar o relatório de CARVAJAL, junta outros documentos referentes a ORELLANA e a seus companheiros, para melhor esclarecimento da celebrizada expedição.

O único ponto fraco da tradição histórica é a influência das lendas que tinha então grande ascendência sobre a psicologia da época, a ponto de deformar a narrativa e a exatidão de certos fatos, e, por isso, além de dominar o espirito de ORELLANA, influenciou sobremodo no ânimo de CARVAJAL, como no caso da existência de amazonas, ou mulheres guerreiras, na região percorrida, influência esta que se perpetuou com a denominação de “Rio das Amazonas”, ou “Rio Amazonas” ao rio explorado e, posteriormente, “País das Amazonas”, “Bacia Amazônica”, “Planície Amazônica”, ou simplesmente “Amazônia”, à extensão territorial por onde se estende o aranhol hidrográfico das ramificações do grande rio, a que os espanhóis também deram o nome de “Rio Mar”.

#### Acontecimentos que precederam à viagem de Orellana

D. FERNANDO PIZARRO tinha tentado algumas vezes, por seus capitães, a descoberta de um país do qual se exaltavam as riquezas. Suas empresas tendo tido pouco sucesso, o Marquês tomou a resolução de enviar até lá D. GONÇALO, único irmão que lhe restava no Perú, para fazer lá uma sólida fundação. Porém como era preciso atravessar a província de Quito e aí prover-se de tôdas as munições necessárias, acreditou dever renunciar, em favor de seu irmão, ao govêrno desta província, na confiança de fazer aprovar sua demissão pela côrte. GONÇALO PIZARRO partiu para Quito, com tropas bastante numerosas. Teve de combater, neste caminho, os índios da província de Guanuco, que êle teria tido dificuldade de vencer, se CHAVES não lhe tivesse levado socorros. Enquanto êle continuou a marchar tranquilamente, o Marquês encarregou GOMEZ ALVARADO de reduzir inteiramente esta província. Alguns caciques, conhecidos sob o nome de *conchucos*, tinham levado suas devastações até a nova cidade de Trujillo, sem poupar mais os índios que os espanhóis, MIGUEL DE LA CERNA saiu desta cidade fortificada e juntando suas tropas às de Chaves, venceram e dissiparam juntos um grande número de inimigos conjurados.

GONÇALO partiu de seu novo govêrno com duzentos espanhóis, metade cavalaria, quatro mil índios, e tôdas as munições necessárias para uma grande empresa. Contava-se, entre suas provisões, três mil bovinos. Depois de ter passado uma povoação que se chama Ynga, entrou no país de Quixos onde eram limitadas do lado do norte, as conquistas de um antigo general peruano chamado GUAYNACAVA. Êle sofreu aí rudes ataques e a natureza a secundar os índios, foi êle surpreendido por um terremoto, acompanhado de um trovão medonho e de uma horrível chuva. A terra abriu-se em diversos lugares e tragou mais de quinhentas casas. Um rio, vizinho do campo, encheu até levar as devastações muito longe de suas margens. Os espanhóis escaparam a tantos perigos mas foi ganhando muito altas montanhas, onde o frio era tão vivo que morreu aí um grande número de índios. Não se deteve aí porque faltavam víveres, e a marcha foi continuada para a província de Zumaco, que não consiste senão na encosta de um espaço vulcão. A abundância de víveres convidou o exército a repousar aí, enquanto GONÇALO acompanhado de alguns de seus homens, entrou em uma

espessa floresta para procurar ali algum caminho. Não tendo encontrado senão um que o levou a um lugar ao qual deu o nome de *la Coca*, fez vir até aí uma pequena parte de suas tropas. Grossas chuvas que sobreveem, e que duraram noite e dia durante dois meses inteiros, não lhe deixaram o tempo de fazer secar suas roupas. Entretanto elas não os impediram de observar que a província de Zumaco era cheia de árvores que representavam a verdadeira canela, donde lhe vem aparentemente seu nome, que ela deve ter recebido dos espanhóis, antes que dos índios. Os campos estão cheios destas árvores que a terra produz sem cultura: porém os índios cultivam-nas também em seus patrimônios; e esta canela que se encontra mais fina lhes fez a matéria de um rico comércio com os povos vizinhos, que lhes trazem, em troca, tecidos e outras provisões.

GONÇALO, deixando em Zumaco a maior parte dos seus homens tomou os mais sãos e os mais vigorosos para continuar sua marcha, guiados por alguns índios. Algumas vezes, com a única vista de o afastar de seu país, estes povos lhe faziam falsas pinturas dos lugares onde êle queria penetrar. Falavam-lhe de um país muito abundante, que não oferecia a seus olhos e a suas pesquisas senão campos estéreis. A escassez dos viveres obrigou-o a voltar a *la Coca* para juntar de novo as tropas que tinha deixado atrás de si. Depois de ter passado mais de um mês, pôs-se em marcha com tôdas as suas forças, seguindo o curso do rio até um lugar onde suas águas, caindo de mais de duzentas toezas, formavam naturalmente uma das mais belas cascatas do mundo, com um ruído que se ouve à distância de mais de seis leguas. Alguns dias mais longe, encontrou que êste rio se acumula em canal tão estreito que não tem mais de vinte pés de uma orla a outra, enquanto os rochedos que lhe servem de margens não teem menos altura que a cascata. Os espanhóis tinham feito cinquenta leguas, sem encontrar outro lugar onde o pudessem passar. Algumas árvores que êles ajustaram facilmente sôbre os rochedos, fizeram-lhes uma ponte cômoda, e da outra margem penetraram nas matas até à entrada de um país muito plano, cortado de alguns rios e cheio de pântanos lamacentos. Denominaram-no *Guema*, e sua esperança era encontrar aí viveres, mas foram reduzidos a se nutrir de frutos desconhecidos, no pesar contínuo de não poder descobrir um só habitante desta terra selvagem. Enfim, chegaram em um país mais povoado, onde os viveres lhes faltaram menos. Todos os índios que tinham visto até então eram nus; encontraram-nos aqui vestidos de algodão.

GONÇALO, não querendo mais se expor à penúria que tinha experimentado e a de ser muitas vezes obrigado a abrir um caminho através das matas, com o machado e o sabre, empreendeu construir uma barca, que o comércio chama um bergantim. Essa obra custou muito trabalho aos espanhóis.

As ferraduras de seus cavalos mortos sendo a única provisão que êles tinham de metal; foi preciso fazer carvão e fornalhas para as pôr em obra. Em lugar de breu e alcatrão, recolheram nas matas diferentes resinas, que distilavam de algumas árvores; os velhos mantos dos índios lhes serviram de estopa e de filassa. GONÇALO deu o exemplo do trabalho, e êle próprio manejou o machado e o martelo. Enfim, a empresa foi conduzida à sua perfeição. O barco encontrou-se capaz de levar tôda a bagagem e alguns homens. Fez-se também algumas canoas para o seguir. Com êste socorro, GONÇALO acreditou-se não somente fora de embarços, mas em estado de prosseguir nas suas descobertas. Continuou seu caminho, fazendo marchar as tropas por terra, sôbre as margens do rio. As matas, ou espessos brejos, davam-lhe muito trabalho a cortar; porém quando encontravam muita dificuldade sôbre uma das margens, o bergantim servia-lhe para passar à outra. A marcha estava tão bem regulada que os que iam sôbre a água e os que marchavam, não se perdem de vista, e param nos mesmos lugares para o sono e a refeição; estava-se sempre em estado de se socorrer mutuamente.

Depois de ter feito mais de duzentas leguas, seguindo o curso do mesmo rio, o desgosto de não encontrar, por alimentos, senão frutos e raízes, fez nascer outras vistas a GONÇALO. Resolveu enviar na frente dele, sôbre o rio, um de seus oficiais, chamado FRANCISCO DE ORELLANA e cinquenta homens para procurar viveres, com ordem, se os encontrassem, de carregar o bergantim e de deixar a bagagem em lugar, do qual êle estava ainda a oitenta leguas, onde os índios tinham assegurado que dois grandes rios se juntavam, e continuavam a correr tranquilamente no mesmo leito. Não se reservou senão duas canoas para atravessar os pequenos rios que podiam encontrar no caminho. ORELLANA partiu e foi logo levado pela correnteza em um lugar onde os dois grandes rios misturavam suas águas; mas êle não encontrou absolutamente viveres: e considerando o trabalho que teria para voltar, contra uma corrente tão rápida que não teria feito no espaço de um ano o que acabava de fazer em três dias, tomou a resolução de se abandonar ao fio da água. Se lhe não atribue outra vista senão de tentar

fortuna. Entretanto a recusa que êle deu, de deixar ao menos a bagagem e as canoas, e a alteração que teve ali em baixo com o padre GASPAS DE CARVAJAL, religioso de São Domingos, que, lhe censurando de violar as ordens do seu general, não obteve senão injúrias e socos, parecem indicar que estava animado contra GONÇALO por algum antigo movimento de ódio e de vingança.

GONÇALO, chegando à junção dos dois rios, caiu em um embarço mortal, quando em lugar de aí encontrar viveres, soube que seus homens o tinham abandonado com o bergantim e sua bagagem. Um espanhol que teve a coragem e a fidelidade de ficar só neste lugar, para esperar seu general, contou-lhe que não somente ORELLANA tinha prometido continuar as descobertas, porém que, para se atribuir tôda a honra, se havia feito nomear capitão por uma eleição formal, depois de ter renunciado a qualidade de tenente dos PIZARROS. Uma tão cruel deserção fez perder coragem aos homens de GONÇALO. Viam-se a mais de quatrocentas leguas de Quito, sem nenhum recurso do lado dos selvagens, com os quais não tinham feito nenhuma ligação; incertos mesmo de poder encontrar aqueles que o tinham tão bem tratado; privados de sua provisão de espelhos, guizos e outras bagatelas que lhes serviam para familiarizar estes bárbaros, e por cúmulo de infortúnio, em um país nu e arenoso, que não lhes oferecia mesmo o triste socorro que tinham sempre tirado das raízes e dos frutos selvagens. Os cavalos que lhe restavam, e alguns cães que tinham levado, foram todo o fundo de suas esperanças, tomando a resolução de voltar ao Perú. Não retomaram o mesmo caminho, por que o tinham encontrado muito difícil: porém o que escolheram, sem outra regra que o curso do sol, não era quase nada mais desembaraçado e se encontrou muito mais deserto. Depois de ter comido sucessivamente todos seus cavalos e seus cães, foram reduzidos a viver de fôlhas de árvores; felizes quando, na falta de frutos e de fôlhas, encontravam a brotar uma espécie de filetes tenros quase semelhantes aos das vinhas. Estes filetes, que tinham o gôsto de alho, não eram sem força para os sustentar. O menor animal que podiam matar ou apanhar nestes desertos, vendia-se a grande preço, e chegava só, por consequência, para aqueles que tinham ouro. Uma vida tão miserável fez perder a GONÇALO, mais de quarenta homens. Êles se apoiavam contra o tronco de uma árvore, e caliam mortos pedindo de comer. Todos os outros estavam tão enfraquecidos que a cinco leguas de Quito desesperavam de poder chegar aí; quando, por uma felicidade de que se não explica a ocasião, os espanhóis de Quito, avisados de sua volta, vieram diante deles com viveres, cavalos e roupas, GONÇALO e os outros oficiais não estavam menos nus que seus soldados. Suas roupas estavam rotas por espinhos e apodrecidas pelas chuvas; não tinham para se cobrir senão pedaços de panos ou de peles, que tinham repartido entre si e que bastavam apenas aos beneficios da natureza. Suas espadas estavam sem bainha e corroídas de ferrugem. Estavam todos a pé, as pernas nuas e rasgadas pelos espinheiros que êles tiveram sem cessar de atravessar; tão pálidos, tão magros, que os parentes e seus amigos não os reconheceram de repente. Um dos maiores males tinha provindo da escassez do sal, de que não tinham podido encontrar o menos do mundo em um espaço de duzentas a trezentas leguas, o que lhes fez julgar que era esta razão que tornava o país que percorreram tão deserto. Vendo aparecer aqueles que lhes traziam socorros, lançaram-se em terra e a beijaram, em um transporte de reconhecimento. Em seguida todos estes esfaimados se lançaram sobre os viveres com tanta azáfama, e comiam com tanta avides, que se foi obrigado a os regar durante alguns dias, para fazer retornar a seu estômago o hábito de suas funções. Como os cavalos e as roupas que tinham vindo a princípio ao encontro deles, não se encontraram em número bastante grande, GONÇALO e seus oficiais recusaram de os tomar, e quiseram guardar até em Quito uma igualdade perfeita com seus soldados. Esta conduta deu-lhes a afeição daqueles que suas vãs promessas tinham irritado. Entrando de manhã na cidade, foram direitos à igreja, onde os sentimentos de uma viva piedade, fruto feliz da miséria, porém que passa ordinariamente com ela, fizeram-nos ficar imóveis até o fim do serviço divino.

Assim terminou a malograda expedição de GONÇALO PIZARRO ao país da canela.

**Trajeto da expedição de Orellana através do grande rio e ocorrências da viagem** Descendo FRANCISCO DE ORELLANA o rio no bergantim, com a tripulação que lhe fora concedida, e levando por companheiros os religiosos frei GASPAS DE CARVAJAL e frei GONÇALO DE VERA até a confluência com um outro grande rio que encontrou a oitenta léguas a jusante, não encontrou os viveres que lhe haviam sido encomendados por GONÇALO PIZARRO, chefe da expedição, resolvendo continuar a viagem, contra a opinião de frei CARVAJAL, com quem teve uma contenda, e a do moço cavalheiro FERNÃO SANCHES DE VARGAS, que foi posto em terra por desejar manter-se fiel ao seu

chefe GONÇALO. CARVAJAL, porém, aceitou os fatos consumados e continuou na exposição, tornando-se o seu cronista, e amigo de ORELLANA, fazendo justiça à sua atuação durante todo o percurso da viagem.

No segundo dia da viagem, a embarcação havia batido num pau, quebrando-se uma tábua, quase naufragando. Como o rio corria muito, andavam de vinte a vinte e cinco léguas por dia. Até o terceiro dia nenhum povoado. A situação ia se tornando aflitiva. Voltar ou seguir era o dilema.

CARVAJAL, posto que a princípio tivesse um atrito com ORELLANA quanto ao prosseguimento da viagem, justifica-o em crônica do seguinte modo:

“Vendo que nos havíamos apartado do local onde tinham ficado os nossos companheiros, e que havia acabado o pouco que trazíamos, confabularam o capitão e os companheiros sobre a dificuldade em que nos achávamos, e a volta, e a falta de comida, porque, como pensávamos regressar logo não medimos o comer. Confiados que não poderíamos estar longe, resolvemos prosseguir, e como no dia imediato se encontrasse comida e sinal de povoado, seguindo o parecer do capitão, disse eu uma missa, como se diz no mar, encomendando a Nosso Senhor nossas pessoas e vidas, suplicando-lhe eu, embora indigno, que nos tirasse de tão manifesto trabalho e perdição, que nos já claramente se esboçava, pois ainda que quiséssemos volver águas acima já não era possível pela força da correnteza, e tentar ir por terra era igualmente irrealizável. Estávamos em grande perigo de morrer da grande fome que padecíamos e assim, buscando o conselho do que se devia fazer, comentando a nossa aplicação e trabalhos, resolveu-se que escolhêssemos dos dois males aquele que ao capitão e a todos nós parecia o menor, e foi ir por diante, seguindo o rio: ou morrer ou ver o que nele havia, confiando em Nosso Senhor que se serviria por bem conservar as nossas vidas até ver o nosso remédio. A falta de outros mantimentos, entretanto, chegamos a tal extremo que só comíamos couros, cintas e solas de sapato, cozidos com algumas ervas, de maneira que era tal a nossa fraqueza, que não nos podíamos ter em pé. Uns de gatinhas, outros arrimados a bordões, meteram-se pelas montanhas, em busca de raízes comestíveis, e houve alguns que comeram ervas desconhecidas, ficando às portas da morte, pois estavam como loucos e não tinham miolo; mas como Nosso Senhor era servido que continuássemos a nossa viagem, nenhum morreu. Com semelhante fadiga iam alguns companheiros mui desmaiados, aos quais o capitão animava, dizendo-lhes que se esforçassem e tivessem confiança em Nosso Senhor, que Ele nos havia lançado por aquele rio, teria por bem levar-nos a pôrto e salvamento: e assim animou os companheiros para que suportassem aqueles trabalhos”.

No dia de ano bom, isto é, a primeiro de Janeiro de mil quinhentos e quarenta e dois, pareceu a alguns de bordo ter ouvido o toque de tambores de índios. (Devo abrir aqui um parêntesis: as datas de CARVAJAL, correspondem ao calendário Juliano, mas pelo calendário atualmente seguido, essas datas devem ser transferidas para onze dias depois).

Na noite de segunda-feira de oito de Janeiro, ouviram-se claramente tambores muito longe do lugar onde estavam. Ao cabo de duas leguas, rio abaixo, foram vistas duas canoas cheias de índios.

Ordenou o capitão que se alcançasse o primeiro povoado onde os expedicionários se fartaram da comida e beberagens que encontraram em abandono, por terem os índios fugido.

No dia seguinte, pôde ORELLANA ter comunicação com aqueles índios, pois um pouco os entendia. Nos outros dias que se seguiram entrou em entendimento com o cacique do povoado e outros senhores da região, sendo fartamente abastecido. Era o primeiro contacto com habitantes do grande rio, da terra do qual declarou tomar posse para seu rei.

Narra ainda CARVAJAL o seguinte:

“Depois que os companheiros se refizeram algum tanto da fome e trabalhos passados, vendo o capitão que era necessário providenciar para o futuro, mandou chamar a todos os seus companheiros e lhes tornou a dizer que, bem viam, com o barco e canoas que levamos, neles não podíamos sair com segurança. Era, se Deus fôsse servido, guiar-nos até ao mar, portanto, preciso procurar com diligência fazer outro bergantim que fôsse de maior porte para que pudéssemos navegar, embora não houvesse entre nós mestre que entendesse de tal officio. O mais difícil para nós era fazermos os cravos. Durante êsse tempo não deixavam os índios de acudir, trazer comida farta e com tanta ordem como se toda a sua vida tivessem servido. Vinham com as suas jóias e arrecadas de ouro, e nunca o capitão consentiu que se tomasse coisa alguma, nem mesmo que as mirássemos, para que os índios não entendessem que lhe dávamos aprêço.

E quanto mais nisso nos descuidávamos, mais ouro punham em cima de si. Aqui nos deram notícia das amazonas e das riquezas que há abaixo, e quem o fez foi um índio chamado Apária, velho que dizia ter estado naquela terra, e também nos deu notícia de outro senhor que estava apartado do rio, metido terra a dentro, e que ele dizia possuir enorme riqueza de ouro. Este senhor se chama Ica; nunca o vimos, porque ficou desviado do rio. Para não perder tempo em gastar em balde a comida, resolveu o capitão que logo se pusesse por obra o que se tinha a fazer, e assim mandou aparelhar, e os companheiros responderam que queriam começar logo o trabalho. Houve dois homens aos quais não se deve pouco, por fazerem o que nunca aprenderam. Apresentaram-se ao capitão e lhe disseram que eles, com o auxílio de Nosso Senhor, fariam os cravos que fôsem precisos, e que ele mandasse outros fazer carvão. Estes dois companheiros se chamavam JOÃO DE ALCÂNTARA, fidalgo natural da cidade de Alcântara, e SEBASTIÃO RODRIGUEZ, natural da Galícia. Agradeceu-lhes o capitão, prometendo-lhes o galhardão e pagamento de tão grande obra. E logo mandou fazer foles de borzequins e tôdas as outras ferramentas e que os outros companheiros de três em três dias dessem uma boa fornada de carvão". "Trabalhou-se com tanto afã na fábrica desta obra, nessa aldeia, que, em vinte dias com o auxílio de Deus, se fizeram dois mil cravos muito bons e outras coisas, deixando o capitão a construção do bergantim para onde encontrasse melhor oportunidade e melhor aparelhamento. Demoramos nesta aldeia mais do que devíamos, comendo o que tínhamos, donde resultou que daí em diante passamos grandes necessidades, e isto para ver se, por alguma via ou de qualquer maneira, podíamos ter notícia do real. Como tal não sucedesse, resolveu o capitão dar mil castelhanos a seis companheiros que se quisessem reunir e dar notícias ao Governador GONÇALO PIZARRO. Além disso lhes daria dois negros que os ajudassem a remar e alguns índios, para que levassem cartas e de sua parte dessem notícia do que se passava. Mas só encontrou três pessoas, porque todos temiam a morte que lhes parecia certa, pelo que haviam de demorar até aonde tinham deixado o governador, pois ele certamente já teria regressado, porque tínhamos andado cento e cinquenta leguas em nove dias, a partir do ponto em que havíamos deixado o governador. Terminada a obra, e visto que a comida se esgotava, tendo morrido sete companheiros da fome passada, partimos no dia de Nossa Senhora da Candelária (2 de Fevereiro). Carregamos a comida que pudemos, porque já não era possível demorar naquele povoado: de um lado, porque parecia que estávamos molestando aos naturais e queríamos deixá-los satisfeitos; do outro, para que não perdêssemos mais tempo e gastássemos a comida sem proveito, pois que não sabíamos se íamos precisar dela".

Depois de navegar umas vinte léguas a expedição passou pela foz de um rio caudaloso (provavelmente o Ucaiali), onde dominava um principal senhor chamado Irrimorrany ou Irimara, e depois de tocar em uma aldeia de índios, chegou ORELLANA aos domínios do principal senhor que se chamava Apária. Sendo aí bem recebido, especialmente porque o capitão entendia a língua.

Reunidos os índios e ouvindo o que o capitão lhes dizia, recomendaram eles que se fôsem ver as amazonas, que chamavam na sua língua *comiupuiara*, que quer dizer grandes senhoras, vissem o que faziam, porque eram poucos e elas muitas, não parassem em suas terras.

Devido ao bom acolhimento resolveu ORELLANA deter-se ali por algum tempo, dizendo CARVAJAL o seguinte:

"Vendo o capitão a boa aparelhagem e disposição da terra e a boa vontade dos índios, mandou reunir a todos os seus companheiros e lhes disse que como ali havia bons apetrechos e vontade dos índios, seria bom fazer um bergantim. E assim se puseram mãos à obra. Achava-se entre nós um entalhador, chamado Diogo MEXIA, o qual, embora não fôsse o seu ofício, deu ordem como se havia de fazer; e logo o capitão mandou repartir por todos companheiros que cada qual trouxesse uma quaderna e duas estamenhas, outros as rodas, e os outros que serrassem as tábuas de modo que todos tinha bem em que se ocupar, não sem pouco trabalho; porque, como era inverno e a madeira estava muito longe, cada qual tomava o seu machado e ia ao monte e cortava o que lhe cabia e carregava nas costas. Enquanto uns trabalhavam, outros ficavam de sentinela, para que os índios não lhes fizessem mal, e desse modo, em sete dias, se cortou todo o madeiramento para o bergantim. Terminada esta tarefa, logo foi dada outra: fazer carvão para mais cravos e outras coisas. Era uma maravilha ver com que alegria trabalhavam os nossos companheiros e carregavam o carvão, provendo-se assim tudo o mais que era necessário". "Deu-se tanta pressa nesta obra do bergantim que em trinta e cinco dias, foi lavrado e lançado à água, calafetado com algodão e betumado com pixe trazidos pelos índios, a pedido do capitão. Não foi pequena a alegria dos nossos companheiros, por haver terminado aquilo que tanto desejávamos". Nesse lugar a expedição demorou tôda



a quaresma. Reformou-se também o barco pequeno, que já vinha podre, e assim, tudo bem aparelhado e posto em ponto, ordenou o capitão que todos estivessem prontos e fizessem matolotagem, porque, com a ajuda de Deus Nosso Senhor, queria partir na segunda-feira seguinte.

Continuou a expedição a viagem tocando em várias aldeias de índios para se abastecer, ora sendo em paz, ora tendo de entrar em luta para conseguir os alimentos necessários.

Na segunda-feira da Páscoa do Espírito Santo passaram os expedicionários à vista de uma aldeia muito grande e populosa com muitos bairros, cada qual com um desembarcadouro no rio. Nesses portos havia índios aos magotes, estendendo-se esta aldeia por mais de duas leguas e meia.

No sábado, véspera da Santíssima Trindade, mandou o capitão fundear em uma povoação onde os índios se puseram em defesa. Apesar disso foram expulsos das casas e a expedição provida de comida, achando-se aí algumas galinhas. Nesse mesmo dia, saindo dali e prosseguindo a viagem, viram uma boca de outro grande rio a mão esquerda, que entrava no que navegavam, e de água negra como tinta, e por isso lhe puseram o nome de Rio Negro. Corria êle tanto e com tal ferocidade que em mais de vinte leguas fazia uma faixa na outra água sem misturar-se com a mesma.

(A denominação do rio que banha esta cidade de Manaus foi, portanto, dada pelo próprio ORELLANA).

No domingo da Santíssima Trindade descansou o capitão com sua gente nos pesqueiros de um povoado, partindo na segunda-feira, passando por povoações muito grandes, abastecendo-se de comida quando esta lhes faltava.

Aportaram depois em uma aldeia em que havia uma praça muito grande, e no meio da praça um grande pranchão de dez pés em quadro, pintado e esculpido em relêvo, figurando uma cidade murada com a sua cêrca e uma porta. Nessa porta havia duas altíssimas tórres com portas em que defrontava cada porta com duas colunas. Tôda essa obra era sustentada por dois ferocíssimos leões que olhavam para trás, como acautelados um do outro, e a sustinham nos braços e nas garras.

Era êste edifício coisa digna de ser vista, admirando-se o capitão e todos os seus companheiros de tão admirável coisa. Perguntou o capitão a um índio o que era aquilo e que significava naquela praça, e o índio respondeu que êles eram súditos e tributários das amazonas e que não as forneciam senão de penas de papagaios e guacamaiós para forrarem os tetos dos seus adoratórios. Que as povoações que êles tinham era daquela maneira; conservando-o ali como lembrança e o adoravam como emblema de sua senhora, que é quem governa tôda a terra das ditas mulheres.

Novas lutas foram travadas no correr da viagem e, em uma aldeia onde desembarcaram, prenderam uma índia que disse haver perto dali, no interior, muitos cristãos trazidos por um senhor; disse mais que entre êles havia duas mulheres brancas e que outros viviam com índias das quais tinham filhos.

Querendo celebrar a festa de São João Batista, os expedicionários ao dobrar uma ponta do rio viram alvejando muitas e grandes aldeias ribeirinhas; aí aportaram, mas foram recebidos hostilmente, travando-se uma perigosa batalha, relatando CARVAJAL o seguinte:

“Quero que saibam o motivo de se defenderem os índios de tal maneira. Não de saber que êles são súditos e tributários das amazonas, e conhecida a nossa vinda, foram pedir-lhe socorro e vieram dez ou doze. A estas nós as vimos, que andavam combatendo diante todos os índios como capitãs, e lutavam tão corajosamente que os índios não ousavam mostrar as espáduas, e ao que fugia diante de nós, o matavam a pauladas. Eis a razão por que os índios tanto se defendiam. Estas mulheres são muito alvas e altas, com o cabelo comprido, entrançado e enrolado na cabeça. São muito membrudas e andam nuas em pêlo, tapadas as suas vergonhas, com os seus arcos e flechas nas mãos, fazendo tanta guerra como dez índios. E em verdade houve uma destas mulheres que meteu um palmo de flecha por um dos bergantins, e as outras um pouco menos, de modo que os nossos bergantins pareciam porco espinho”.

Com o aparecimento de novos reforços das aldeias vizinhas, ORELLANA fez-se ao largo e foi se precavendo de novas aldeias que via branquejarem nas margens.

Os combates anteriores tinham sido tão violentos que até CARVAJAL, do ferimento de uma flecha, havia perdido um ôlho.

De um índio que ORELLANA aprisionara pôde êle obter informações sôbre as mulheres que vira combatendo, e dessas informações talvez se tenha gerado para muitos a convicção dessa tribo de mulheres guerreiras que muitos historiadores admitem terem existido na foz do rio Nhamundá.

Continuando a viagem passaram pelos domínios de dois grandes senhores chamados ARRIPUNA e TINAMOSTRON.

Mais abaixo, em um encontro com os índios, um companheiro da expedição de nome ANTÔNIO DE CARRANZA, natural de Burgos, foi ferido e morreu ao cabo de vinte e quatro horas, por estar a flecha envenenada. É a primeira referência feita sôbre o emprego do curare na ponta das flechas.

Continuando a viagem, ORELLANA descobriu que o rio já se encontrava sob a influência das marés o que lhe deu a esperança de chegar dentro em breve a sua embocadura.

Atacado mais adiante por pirogas tripuladas por índios, perdeu outro companheiro, GARCIA DE SÓRIO, natural de Logorinho, em menos de vinte e quatro horas, por ter sido ferido por uma flecha envenenada. As terras que atravessava, segundo soubera, tinham por senhor um chamado NURANDALUGUABURABARA.

As lutas com os índios não cessavam, mas os combates se tornavam perigosos quando, com a vazante da maré, os bergantins ficavam em seco.

Os bergantins precisavam de conserto e no dia da Transfiguração do Nosso Redentor encontraram uma praia onde puderam reformar os dois bergantins. Fizeram-se os cabos com ervas e as velas com as mantas com que dormiam. Puseram-lhe os mastros. Demorou-se nesta obra quatorze dias. Saíram daí no dia oito de Agosto.

Foram à vela, guardando a maré, bordejando de um lado, sendo muito largo o rio, embora fôsem entre ilhas, pois não estavam em pequeno perigo enquanto esperavam a maré, provendo-se porém de comida com os habitantes das margens, especialmente de inhames.

Na embocadura do rio tiveram uma surpresa. "Tôda a gente que há nesta parte do rio é gente de muito engenho e pareciam por tôdas as obras que fazem, tanto de escultura como desenhos e pinturas de tôdas as côres, dos mais vivos tons, que é coisa maravilhosa de ver", diz CARVAJAL.

Saiu a expedição à bôca do rio a vinte e seis de Agosto, dia de São Luiz, com bom tempo e sem que caíssem aguaceiros, atribuindo-se isso a milagre de Deus.

Os bergantins continuaram a valejar pela costa, à vista da terra, e depois de nove dias de navegação chegaram ao golfo de Paríá. A saída dêste golfo foi muito dificultosa e nisto não largavam os remos das mãos, isto quanto ao bergantim em que ia CARVAJAL.

Navegando dois dias pela costa, aportaram na ilha de Cubagua e cidade de Nova Cadiz, onde encontraram o pequeno bergantim que chegara dois dias antes, com grande alegria de todos, pois o segundo bergantim a chegar já estava considerado perdido.

Em Cubagua, ORELLANA comprou, segundo uns, ou fretou, segundo outros, um navio que o transportou à Espanha.

Chegando à Europa foi, tempos depois em Valladolid, isto em Maio de 1543, ouvidos por CARLOS V, defendendo-se das acusações de ter abandonado PIZARRO.

A sua história das amazonas foi tida como uma fantasia, porém CARLOS V, premiando os serviços de seu corajoso vassalo, por ato de 13 de Fevereiro de 1544, nomeou-o governador e capitão general das terras que colonizasse na nova Anduluzia, como ficou sendo chamada por ORELLANA a terra que conquistara.

Com muita dificuldade conseguiu êle organizar uma expedição formada de quatro embarcações, que zarparam do pôrto de S. Lucas a 11 de Maio de 1545.

Esta expedição foi um verdadeiro fracasso, começou a se dispersar desde as Canárias, e ao chegar à foz do Amazonas já estava reduzidíssima.

A epopéia do descobrimento de ORELLANA transformara-se em uma tragédia.

A corrente do rio que lhe trouxera a glória na descida, impediu-o de subir com os últimos companheiros que ainda o seguiam, por isso, doente e desgostoso; dirigiu-se para a ilha Margarita, onde morreu, a lamentar a crueldade da sorte e as contingências do destino.

**Conclusão** Passaram-se já quatro séculos em que estes acontecimentos tiveram lugar. A memória de D. FRANCISCO DE ORELLANA tem sido malsinada e muitos cronistas e historiadores lhe lançaram a pecha vergonhosa e humilhante de traidor, e de ter se apoderado do ouro e das esmeraldas que estavam na bagagem de D. GONÇALO PIZARRO, mas os que hoje estudam com a mais serena imparcialidade os acontecimentos de que êle foi a figura ou o navegador principal, não podem deixar de considerar o valor social de sua viagem, abrindo para o mundo as portas de um vale riquíssimo, onde o influxo da civilização está voltando as suas vistas para o grande potencial de riquezas que nele se encontra acumulado, e onde o Brasil, desde a foz do grande rio até aos confins do Tabatinga, faz flutuar a sua bandeira, impondo a sua soberania, e onde os amazônidas de hoje se preparam para defender o seu patrimônio territorial com a mesma coragem com que ORELLANA afrontou a belicosidade dos selvícolas".

Em Belém a comemoração da efeméride alcançou, igualmente, o êxito esperado.

Patrocinou os festejos a Aliança dos Naturais e Amigos dos Países Amazônicos que recebeu pronta adesão do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, Associação Comercial, Academia Paraense de Letras, Instituto Carlos Gomes, Cruzada Nacional de Educação e outras entidades locais.

A comemoração à grande data constou de uma sessão solene, realizada no dia 12 de Fevereiro último, com a presença de membros de tôdas as organizações culturais antes nomeadas, no Palácio do Comércio.

**Constituição da mesa dirigente** A presidência do ato coube à mais alta autoridade militar presente, contra-almirante EDUARDO AUGUSTO DE BRITO CUNHA, comandante da Base Naval do Amazonas, constituindo a mesa as demais autoridades seguintes: capitão OSCAR PASSOS, governador do Território Federal do Acre; D. JAIME DE BARROS CÂMARA, arcebispo metropolitano de Belém do Pará; capitão de corveta FRANCISCO VICENTE BULÇÃO VIANA, diretor geral dos Serviços de Navegação da Amazônia e de Administração do Pôrto do Pará (SNAPP); Sr. DEODORO DE MENDONÇA, secretário geral do Estado; Sr. PEDRO ENTRENA, cônsul geral da Colômbia e decano do corpo consular do Pará; professor ABELARDO CONDURÚ, prefeito municipal de Belém e presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Pará; Sr. ERNESTINO SOUSA FILHO, pelo Departamento Administrativo do Estado; figurando na mesa, representados por seus ajudantes militares, o general EUCLIDES ZENÓBIO DA COSTA e o major ARMANDO MENESES, comandante da Base Aérea de Belém.

Noutros ângulos laterais do salão, mas em destacado relêvo, tomaram lugares os membros do corpo consular e demais autoridades civis e militares.

**Mocções ao governo nacional** Ocupou a secretaria da assembléia o titular respectivo do Instituto Histórico, da Academia de Letras e da ANAPA, que leu as efemérides do dia, do livro do Barão do Rio BRANCO e, em seguida houve o expediente, que constou de moção de aprêço ao chefe do governo nacional, Sr. Dr. GETÚLIO VARGAS, pela atitude do Brasil em face da solidariedade panamericana, moção extensiva ao ministro OSVALDO ARANHA, das Relações Exteriores, sendo lidos os telegramas que foram transmitidos aos dois eminentes brasileiros.

A seguir foram propostos para sócios honorários da ANAPA, os Srs. general EUCLIDES ZENÓBIO DA COSTA, almirante BRITO CUNHA, capitão de mar e guerra BRAZ DIAS DE AGUIAR, chefe da Comissão Demarcadora de Limites da 1.<sup>a</sup> Divisão, comandante BULÇÃO VIANA, diretor geral da SNAPP; professor JOÃO PAULO DE ALBUQUERQUE MARANHÃO, diretor da *Fôlha do Norte* e membro da Academia Paraense de Letras e Dr. EUGÊNIO SOARES, presidente da Associação Comercial.

Passando para a categoria dos sócios honorários, foram os comandantes BRAZ DIAS DE AGUIAR e BULÇÃO VIANA, presidente e vice-presidente da ANAPA, substituídos, por aclamação, pelos Srs. professor ABELARDO CONDURÚ, ex-senador federal do Estado e membro titular da Academia Paraense, como presidente e, como vice-presidente, o Dr. ARGEMIRO ORLANDO PEREIRA LIMA, membro titular da Academia Nacional de Medicina e das Academias de Letras do Amazonas e do Pará.

**Saudação e hino à bandeira** Por designação do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (DEIP), fez a saudação protocolar à bandeira nacional, que se encontrava ao centro da mesa presidencial, a senhorinha MARIA GUTOMAR MAIA, do Instituto Carlos Gomes, que declamou uma poesia do Sr. BRUNO DE MENESES, da Academia Paraense de Letras.

O grupo coral do Instituto Carlos Gomes, que ocupava lugares especiais no flanco esquerdo do salão, entocou o hino à bandeira, de OLAVO BILAC, acompanhado pela banda de música do Corpo de Bombeiros Municipais.

**Os discursos oficiais** A seguir a assembléa ouviu o discurso oficial da comemoração, que foi produzido pelo historiador Dr. ARTUR CÉSAR FERREIRA REIS, membro do Instituto Histórico Brasileiro e dos seus congêneres de mais de dez Estados do Brasil, assim como das Academias de Letras do Amazonas e do Pará. O trabalho do escritor FERREIRA REIS foi muito apreciado por quantos tiveram o prazer de ouvi-lo, sendo justamente considerado como que uma aula inaugural de um curso de estudos amazônicos, de iniciativa e realização auspiciosa da ANAPA. O Dr. ARTUR REIS narrou todos os principais episódios da jornada de FRANCISCO ORELLANA, desde a sua marcha do Pacífico até o encontro jocundo com as "Amazonas" do Rio Nhamundá e saída no Atlântico, depois da longa e penosa viagem, de que se comemorava o quarto centenário.

Em nome da Comissão Demarcadora de Limites da 1.<sup>a</sup> Divisão, chefiada pelo comandante BRAZ AGUIAR, entidade do Ministério das Relações Exteriores, falou o engenheiro LUIZ DE SOUSA MARTINS, que discursou sobre "A Geografia da Amazônia", em que revelou o estado atual dos estudos geográficos sobre a região, principalmente após os trabalhos da importante missão científica BRAZ AGUIAR.

O Sr. CUSTÓDIO DE ARAÚJO COSTA, fez, a seguir, uma interessante e elucidativa exposição sobre o tema "A economia da Amazônia", seguindo-se o Dr. OSVALDO VIANA, diretor da Biblioteca Pública e Arquivo do Estado, como representante da Academia Paraense de Letras na comemoração, o qual produziu um bem feito e animado esboço da vida cultural na Amazônia, destacando os nomes de maior projeção no Amazonas e no Pará, na sua história literária.

Todos os oradores mereceram justos e demorados aplausos.

**A palavra dos representantes dos países amazônicos** A Assembléa ouviu, então, na ordem em que figuravam no programa, a palavra dos representantes das nações amazônicas, presentes à memorável comemoração. Foram êles: o Sr. PEDRO ENTRENA, cônsul geral da Colômbia e decano consular em exercício, cuja oração foi uma grande evocação aos heróis da conquista americana e da independência dos povos do Pacífico e do Atlântico, referindo os maiores nomes, que são dignos da admiração da posteridade. Seguiu-se o representante da República do Perú, cônsul JORGE ROMERO P., cujo discurso foi um profundo estudo da história e da economia da região amazônica, notadamente de seu país, cujas possibilidades e recursos revelou, com alto sentido de equilíbrio e patriotismo. Finalmente a assembléa ouviu o representante dos Estados Unidos da Venezuela, cônsul CARLOS CRISTIANCHO ROJAS, que disse expressivamente da alta significação cívica da descoberta do Rio Amazonas e revelou os sentimentos americanistas de festas semelhantes que exaltam e aliam os povos do continente. O cônsul da Venezuela mereceu, como os seus antecessores, demorados aplausos.

**Os hinos nacionais de seis nações** Foi sem dúvida uma iniciativa digna do maior apreço, a da execução, após os oradores, dos hinos nacionais dos países vizinhos, começando pelo da República da Bolívia, após a conferência do orador oficial; seguindo-se o da Colômbia, após o discurso do cônsul desse país; o do Equador, ao terminar o seu discurso sobre "A Geografia Amazônica" o representante da Comissão de Limites; o do Perú e da Venezuela, às últimas palavras dos respectivos cônsules desses países, terminando a sessão com a execução do hino nacional brasileiro, cantado pelo grupo coral do Instituto Carlos Gomes, num belo conjunto de vozes e de mocidade. Era de ver-se e de sentir-se a emoção com que, filhos dos outros países amazônicos, presentes à reunião, ouviram com prazer os hinos de suas pátrias, pela primeira vez executados na metrópole paraense, que atualmente habitam. Dentre estas pessoas, encontravam-se distintas senhoras, entre as quais as consulesas da Colômbia e do Perú.

A execução dos hinos nacionais dos países amazônicos, pela banda dos Bombeiros, foi muito elogiada pelos presentes.

**Em conclusão** Por estar adiantada a hora e mesmo em consequência de um acidente sofrido na véspera da comemoração, o professor PAULO ELEUTÉRIO, orador designado pela ANAPA, ofereceu o original de seu discurso ao presidente ABELARDO CONDURÚ, para publicidade em opúsculo comemorativo a ser editado pela Prefeitura de Belém.

Além dos cônsules cujos nomes citamos, estiveram presentes os Srs. LUIZ SILVA, encarregado do consulado de Portugal, e Srs. JOSÉ MARIA FERNANDES FREIRE, vice-cônsul da Espanha e ARMANDO CAMACHO, vice-cônsul da Colômbia.

A comissão organizadora local, do X Congresso Brasileiro de Geografia, esteve representada pelos professores RAIMUNDO PROENÇA e JOSÉ COUTINHO DE OLIVEIRA, este diretor do Departamento de Estatística do Estado.

Em meio à seleta assistência notavam-se, além de membros das instituições acima citadas, altos funcionários, comerciantes, industriais, advogados, médicos, jornalistas, professores, acadêmicos de várias das nossas escolas superiores, membros de várias colônias dos países amazônicos e muitas outras pessoas, destacando-se senhoras e senhorinhas da sociedade paraense.

Após terminar a sessão, o Departamento de Publicidade e Intercâmbio da Associação Comercial fez distribuir exemplares de sua antiga *Revista*, em edições especiais de propaganda.

---

O Peru celebrou a data com várias solenidades de caráter público e particular. O governo peruano conferiu e deu caráter oficial a todos os atos comemorativos ao declarar 1942 como o *Ano Amazônico* no decurso do qual veem sendo realizados os atos comemorativos do quarto centenário da descoberta do grande rio. Lima e Iquitos foram considerados sedes oficiais das festas, que constaram de manifestações culturais e patrióticas. A Sociedade Geográfica de Lima, associando-se à comemoração, programou interessantes certames de cultura sobre a data de tão grande importância também para aquele país, editando um número especial do seu *Boletim* inserindo valiosos trabalhos amazônicos, firmados por destacados intelectuais do país e por membros daquela instituição.

Ainda a Sociedade Geográfica de Lima promoveu um concurso de obras que versem sobre a história do Amazonas.

No Equador, pelo Instituto Equatoriano foram, igualmente, lançadas as bases de grande concurso internacional onde serão apreciadas as obras que versem sobre "La História del descubrimiento del Amazonas e lo labor de la Gobernacion luego Audiencia de Quito en el descubrimiento y colonizacion del Gran Rio e sus afluentes".